

Roberto Rodrigues¹

*M*odos de vida *Queer*:

O corpo e a performatividade como estratégias de resistência

*E*stilos de vida *Queer*:

Cuerpo y performatividad como estrategias de resistencia

RESUMO

A presente pesquisa busca provocar o pensamento em torno do corpo e da sexualidade a partir da noção de modos de vida queer e da performatividade de gênero. A partir de imagens dos agenciamentos do corpo de diferentes sujeitos que transitam por territórios festivos de música eletrônica direcionados ao público LGBTQI+, é possível refletir sobre possíveis enfrentamentos micropolíticos que contestam as categorias de sexo e gênero e, sobretudo, buscam romper com as relações naturalizadas socialmente entre o corpo, o gênero, o sexo e a sexualidade em contextos homossexuais. Assim, pretende-se refletir sobre os modos de vida criados e inventados a partir das multidões queer na medida em que colocam em evidência seus traços, fluxos, devires e desejos desterritorializando processos de subjetivação das minorias, dos seres abjetos. Portanto, podemos pensar na força e no potencial micropolítico que a construção desses modos de vida pode engendrar a partir de uma posição consciente, afirmativa e produtiva da sexualidade. Trata-se, portanto, de assumir modos de vida homossexuais como ferramentas de uma grande maquinaria desejante que não se contenta com as formas instituídas de experimentar e viver a sexualidade, afirmando-se na própria diferença.

Palavras-chave: Performatividade; Queer; Modos de vida; Agenciamentos; Desterritorialização.

RESUMEN

Esta investigación busca provocar el pensamiento alrededor del cuerpo y la sexualidad de la noción de estilos de vida extraños y del performatividad de género. A partir de imágenes de las agencias del cuerpo de diferentes sujetos que se mueven por territorios festivos de música electrónica dirigidos al público LGBTQI+, es posible reflexionar sobre posibles confrontaciones micropolíticas que desafían las categorías de sexo y género y, sobre todo, buscan romper con las relaciones socialmente naturalizadas entre el cuerpo, el género, el sexo y la sexualidad en contextos homosexuales. Por lo tanto, se pretende reflexionar sobre las formas de vida creadas e inventadas a partir de multitudes extrañas en la medida en que resaltan sus rasgos, flujos, devires y deseos desterritorializar procesos de subjetivación de minorías, seres abyectos. Por lo tanto, podemos pensar en la fuerza y el potencial micropolítico que la construcción de estas formas de vida puede generar desde una posición consciente, afirmativa y productiva de la sexualidad. Por lo tanto, es asumir las formas de vida homosexuales como herramientas de una gran maquinaria que no está satisfecha con las formas establecidas de experimentar y vivir la sexualidad, afirmando en la diferencia misma.

Palabras clave: Performatividad; Queer; Formas de vida; Agencias; Desterritorialización.

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende refletir sobre modos de vida queerⁱⁱ e suas performatividades a partir de imagens do corpo e seus agenciamentos provocados, inicialmente, por experiências festivas vividas pelo pesquisador no contexto de festas de música eletrônica direcionadas ao público LGBTQI+. A partir dessas experiências, este estudo propõe provocações teóricas que se cruzam entre diferentes campos do conhecimento para compor uma espécie de paisagem reflexiva através de imagens – fotos – que transitam entre diferentes corporalidades pertencentes a esse contexto. Do performerⁱⁱⁱ, à drag^{iv} que fabricam a si mesmos através de seus corpos, aos festeiros que frequentam esses locais somente por lazer e diversão, todos confluem para a constituição de modos de vida queer.

Assim, para compreendermos melhor essas experiências, no primeiro tópico do trabalho intitulado “Corpo multidão queer”, trazemos referências conceituais para refletir sobre o lugar do corpo e da teoria queer como lugares de enfrentamento e luta em defesa das culturais sexuais marginalizadas. Para tanto partimos da leitura de autores como: Richard Miskolci (2007), Guacira Lopes Louro (2010), Beatriz Preciado (2011), Judith Butler (2003), Sara Salih (2002), Fátima Lima (2014), Camilo Braz (2014) e outros.

No segundo momento, intitulado “Performatividades de gênero” partimos dos estudos da performatividade de gênero em Judith Butler para refletir sobre as discontinuidades entre o sistema sexo, gênero e sexualidade através das imagens apresentadas e que nos permite compreender o corpo como um lugar de criação, de fabricação e produção do gênero de maneira múltipla, singular e diversificada. Cruzamos ainda os

estudos de Anna Paula Vencato, acerca da figura da drag e suas potências fabricativas através do corpo, bem como os estudos da performance e do corpo infame em Paulo Petronilio. Assinala-se, nesses cruzamentos, a possibilidade de pensar a performatividade do gênero e a constituição de modos de vida queer como uma espécie de enfrentamento, de recriação e de produção de novos modos de existência.

Esses tipos de performance nos provoca a pensar no corpo como uma forma de expressão artística que irrompe diferentes possibilidades de agenciamentos onde as noções de gênero, sexo e sexualidade são embaralhadas constituindo uma espécie de linha de fuga em relação aos padrões normativos e reguladores impostos por discursos e práticas estabelecidos socialmente.

1. Corpo-multidão queer

Aquilo que somos não se trata de entender nos limites da palavra, da imagem e da representação. Ao contrário, estamos nos tornando constantemente, é esse o devir-corpo de que somos feitos. Trata-se, portanto, de uma constante metamorfose em que operamos sempre de forma indeterminada, imprevisível, inédita. Ainda que exerçamos sempre os mesmos papéis, se é que se pode falar em papéis sociais, nunca o fazemos da mesma forma, nas mesmas condições. Daí a possibilidade de pensar as estratégias micropolíticas a partir da maneira como nos assumimos, agimos e nos inserimos na sociedade.

Pelo corpo e no corpo estão inscritos processos de subjetivação que podem ser agenciados de novas maneiras, para além do que espera a sociedade. É, então, que abrimos brechas, fissuras, fendas na realidade a partir das multidões queer através das múltiplas formas com que podemos viver e experimentar nossas masculinidades e, portanto, nossas

homossexualidades masculinas. Somente nos movimentando, partindo para fora dos sulcos costumeiros da vida é que poderemos irromper esses novos modos de vida.

Os modos de vida das multidões queer aparecem, aqui, em oposição à categoria do sexo e rejeita a noção de identidade sexual. O agenciamento dos prazeres e desejos sexuais no campo da homossexualidade desterritorializa a unidade do sexo e se abre à multiplicidade e os diferentes modos de viver a própria sexualidade. Desviando-se do campo da discursividade que regula e pune os indivíduos, da nomeação e das categorias fixas, a homossexualidade no contexto das multidões aponta para uma transvaloração dos sentidos convencionais referentes a esses modos de vida queer.

Questionando as teorias e reivindicações de acolhida à diferença que têm como traço fundamental a separação e a categorização dos indivíduos a partir de identidades previamente estabelecidas como “mulher”, “gay”, “lésbica” advindas de uma base natural para legitimá-las, a ideia das multidões queer, termo empregado por Beatriz Preciado no artigo “Multidões queer: notas para uma política dos ‘anormais’”, publicado na Revista “Estudos Feministas” (2011) empreende outro tipo de esforço político ao recusar a existência dessas identidades e transformar as minorias, os excluídos, os “maus sujeitos” em potenciais de resistência e desvio à norma.

A autora reivindica um movimento pós-feminista ao lado de teóricas como Teresa de Lauretis, Donna Haraway, Judith Butler, Judith Halberstam, para citar alguns nomes desse movimento de confronto com o feminismo clássico que vem rejeitar a “noção de feminilidade que havia sido, inicialmente, a fonte de coesão do sujeito do feminismo” (PRECIADO,

2011, p.17). Essas críticas delinearam a recusa em naturalizar e traçar uma essência para o sujeito político “mulher” hegemônico e heterocêntrico.

Ao lado dessas críticas pós-feministas houve a reação das minorias homossexuais representadas por gays, lésbicas, transexuais, transgêneros para questionar “a validade da noção de identidade sexual como único fundamento da ação política e para opor uma proliferação de diferenças (de raça, de classe, de práticas sexuais não normativas)” (PRECIADO, 2011, p.18). Buscam desviar-se dos efeitos normativos e disciplinares das formações identitárias que naturalizam as diferenças tornando-as os únicos focos da ação política. A noção de multidão queer ousa e rompe com a ideia de “diferença sexual” explorada pelo feminismo clássico como, também, pelas variações estruturalistas do discurso da psicanálise.

Essa corrente de pensamento se constitui em torno da noção de queer, termo utilizado pela primeira vez por Teresa de Laurettis em 1990 e da teoria queer que segundo Richard Miskolci (2007) foi utilizada pela primeira vez “para contrastar o empreendimento analítico que um conjunto de pesquisadores desenvolvia em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e de gênero” (MISKOLCI, 2007, p.2). O queer designa a diferença que não aspira o centro, que não quer ser assimilada ou tolerada e que, portanto, pode constituir uma forma de ação transgressiva e perturbadora (LOURO, 2000). Tais autores contornam o termo queer que parece ser uma denominação aberta, em constante processo que abrange tanto as correntes teóricas quanto os movimentos sociais contemporâneos que lutam em defesa das culturas sexuais marginalizadas.

Guacira Lopes Louro no livro “O corpo educado” problematiza a conceituação e a divisão das práticas sexuais na história discutindo a questão do surgimento de termos que passaram a categorizar e funcionar

como uma espécie de dispositivo histórico para controlar e vigiar a vida sexual dos indivíduos. A institucionalização da heterossexualidade é uma das formas pela qual esse controle foi amplamente exercido irrompendo numa compulsão discursiva que a define como única forma aceitável condenando quaisquer outros tipos de atividades sexuais. Assim, a heterossexualidade passa a servir como norma e como objeto de distinção social.

Essa institucionalização nos séculos XIX e XX foi um elemento importante de controle social ao lado da definição da homossexualidade como forma de “anormalidade”, prática tida como perversão. Assim, a categorização e a divisão entre o “normal” e o “anormal” passou a legitimar a questão da diferença a partir de discursos e práticas segregacionistas. Essas categorias foram frutos do empreendimento médico para definir as características básicas do que constitui a masculinidade e a feminilidade normais, vistas como características distintas dos homens e das mulheres; e da legitimação das hierarquias onde as práticas sexuais poderiam ser distinguidas.

Em contrapartida a essa institucionalização os estudos constituídos a partir da teoria queer possibilitaram a ampliação e deslocamentos dos olhares em torno da construção das identidades sexuais para compreender de que forma os processos sociais regulatórios e normativos criam classificações, as quais, por sua vez, geram a ilusão de sujeitos estáveis, identidades sociais e comportamentos coerentes e regulares. Assim, a partir de novos olhares pôde-se investigar a multiplicidade de formas com que os indivíduos experimentam e agenciam suas sexualidades.

As práticas corporais que envolvem, dentre outros aspectos, a maneira como os indivíduos se vestem, agem corporalmente, se relacionam com outros indivíduos sejam do mesmo sexo ou não, desafiam constantemente a coerência e as regras impostas pelo padrão heterossexual. A construção das identidades de gênero ou da orientação sexual das multidões queer, termos recorrentes para designar a forma como os indivíduos experimentam sua sexualidade, vêm sendo agenciadas a partir do desvio da normalização dessas relações, buscando “mostrar como os ‘fundamentos’ ou ‘substâncias’, aquilo que é tido como ‘natural’, é sempre um efeito de práticas discursivas culturalmente dadas, que operam (...) dentro de matrizes de poder”(BRAZ, 2014, p.59).

Nesse sentido as multidões queer surgem como provocação à heteronormatividade que produz discursivamente formas de identificação e normalização das relações entre o sexo, o gênero e a sexualidade. O termo queer constitui-se de forma indeterminada e elástica focando na incompatibilidade entre essas três categorias (sexo, gênero e sexualidade). Trata-se, portanto, de pensar as várias dimensões que envolvem a produção dos corpos e suas sexualidades, para além, das características biológicas e naturais dos indivíduos. Os corpos, seus prazeres, desejos e suas sexualidades são contingentes e modificáveis a partir do contexto social, histórico e cultural no qual estão inseridos, estando interseccionados com outros marcadores como cor, raça, nacionalidade, idade, etc.

Trata-se, então, tanto de desconstruir^v as categorias analíticas que operam por dicotomias e binarismos como pensar nas múltiplas possibilidades de agenciamento pelas quais os corpos se materializam e produzem suas subjetividades sempre de forma contingente e contextual.

Os modos de vida queer são produzidos de inúmeras formas, por seus diferentes agentes constituindo seus bandos, multidões, aglomerados.

O termo queer é agenciado e assumido como forma de oposição e contestação. Forma de colocar-se contra as normatividades, sejam elas vindas das categorias classificatórias de sexo, raça, gênero, enfim, contra todo tipo de classificação normativa. Assim, se assumir numa condição queer é desviar-se do centro, das universalidades, das identidades previamente estabelecidas.

Esse termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e contestação. Para esse grupo, queer significa colocar-se contra a normalização- venha ela de onde vier. Queer representa claramente a diferença que não ser que assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito transgressiva e perturbadora (LOURO, 2008, pp.38-39).

É nesse terreno da oposição, do enfrentamento e da contestação que abrimos a possibilidade para pensar territórios onde se constituem esses modos de vida que não esperam ser tolerados, aceitos e, muito menos, agir dentro do que espera a sociedade heteronormativa que vigia e controla todos os tipos de prazeres e desejos sexuais. Dentre as oposições e os enfrentamentos talvez a questão da heterossexualidade como norma seja seu maior alvo. Escapar da norma e abrir-se às possibilidades de autodeterminação de agência. Pensamos assim na condição abjeta, nômade, marginal como, por exemplo, nos territórios festivos onde corpos performam e se abrem às multiplicidades, ao diverso e aos agenciamentos que aí operam.

Os modos de vida das multidões queer podem funcionar, então, não apenas como um modo de existir, de ser e transitar pelos espaços

sociais, mas trata-se, antes, de posicionamentos, de modos de enfrentar as formas instituídas de saberes e poderes que regulam e normatizam nossas vidas e, portanto, nossas sexualidades. Abre-se, assim, a possibilidade de se produzir outras políticas, que poderiam ser chamadas de políticas queer se a potência de resistir continuar a reinventar outros/novos modos de vida (LIMA, 2014).

As reflexões de Fátima Lima (2014) são importantes na medida em que assinala a condição necessária para a produção desses novos modos de vida na emergência de possíveis estratégias políticas e, portanto, éticas e estéticas na constituição de processos que desconstroem as identidades sexuais normalizadas social e culturalmente, desterritorializando a heterossexualidade como norma.

Essa condição nos coloca sempre em deriva, em constante devir, nas fronteiras do pensamento e das formas de representação e controle a partir das hegemonias e das opressões que a sociedade nos impõe. Nossas vidas são feitas de dobras, movimentos, subjetivações, afetações que apelam para novas condições de existência. E é sobre esses outros modos de existir que nos debruçamos e podemos nos situar em uma posição outra, não às margens, no sentido comum do que se pensa sobre a margem, mas constituindo para nós mesmos uma terceira margem, para fora, além daquilo do que já foi pensando ou vislumbrado.

Os corpos-multidões são corpos que não interessam às instituições disciplinadoras e moralizantes. Vidas que não cabem nos moldes da sociedade machista e homofóbica. Por entre as multidões os corpos que importam não são aqueles que materializam e reiteram as normas^{vi}, são, contrariamente, corpos que agem contra as estruturas binárias do sexo e do gênero que, por sua vez, são sistemas que buscam classificar, vigiar e punir

todas as formas de abjeção, de contrassexualidade, de modos de vida que ousam questionar, se desviar e constituir novas formas de existência, que se reinscrevam socialmente de forma produtiva e não mais instituída e arbitrária.

Os corpos-multidões estão para além da própria sexualidade. Não se trata mais de saber ou de classificar os indivíduos como “homo”, “hétero”, “bissexual”. Entre as multidões queer se autodenominam formas abjetas de sexualidade que não aspiram ser integradas, reconhecidas, denominadas e, muito menos, aceitas. As “bichas”, as “sapatas”, as “trans”, as “monas”... Corpos-multidões que contestam e produzem corpos para além dos sistemas binários, das classificações normativas e reguladoras. Os efeitos performativos desses atos de fala^{vii} nos provocam a pensar na potência e nas possibilidades da constituição de atos corporais subversivos^{viii} que funcionam, aqui, como forma eficaz de resistência, como formas de contra-disciplina sexual, como tecnologias de resistência (PRECIADO, 2014).

Os contextos homossexuais podem potencialmente romper com a ficção reguladora da coerência heterossexual irrompendo uma espécie de manifesto contrassexual^{ix} que pode ser pensado nos liames desses corpos-multidões. Para além das formas instituídas nos corpos individualizados e sexuados pelos discursos e formas de dominação a partir da heterossexualidade como regra, os corpos-multidões se tornam agenciamentos dos desejos homossexuais que escapam à lógica, tanto do corpo como sinônimo da natureza como do sexo em coerência ao gênero e, por sua vez, à sexualidade.

O corpo da multidão queer aparece no centro disso que chamei, para retomar uma expressão de Deleuze, de um trabalho de

“desterritorialização” da heterossexualidade. Uma desterritorialização que afeta tanto o espaço urbano (é preciso, então, falar de desterritorialização majoritária, e não do gueto) quanto o espaço corporal. Esse processo de desterritorialização do corpo obriga a resistir aos processos do tornar-se “normal” (PRECIADO, 2011, p.14).

Na perspectiva apontada por Preciado (2011) o corpo da multidão queer se constitui como espaço de desterritorialização, de enfrentamento à heterossexualidade como norma. Os corpos da multidão são corpos que habitam os territórios nômades, que afetam e se deixam afetar por processos de transformação ao abandonar, constantemente, seus territórios, sejam espaciais ou nos limites das formas de identificação e classificação por que passam os indivíduos. São corpos que resistem, questionam e constroem possibilidades outras no que tange às relações da sexualidade, desviando-se das condutas e modos de vida tomados nos termos da “normalidade”.

Encontrar novas posições de enunciação e de agenciamento das múltiplas formas de sexualidades e, portanto, de novos modos de vida pode ser uma pista das estratégias possíveis que Beatriz Preciado reclamou em seu “Manifesto contrassexual”. Será preciso sacudir e desestruturar as formas inscritas de sexo e gênero, assim como as instituições que a instituem socialmente.

Assim, os modos de vida queer constituídos a partir do corpo do performer, da drag, ou dos demais sujeitos que vivem e transitam pelos territórios festivos funcionam como formas de resistência, de acoplamento, de produção de novas subjetividades que não se limitam a noção tradicional de sujeito sexuado, controlado e subjugado às formas de dominação impostas pelos sistemas de poder heterocentros.

A bicha, o travesti, a drag Queen, a lésbica, a sapa, a caminhoneira, a butch, a machona, a bofinho, as transgêneras, as F2M e os M2F são brincadeiras ontológicas, imposturas orgânicas, mutações prostéticas, recitações subversivas de um código sexual transcendental falso (PRECIADO, 2014, p.30-31).

Beatriz Preciado nos provoca a pensar que nesse espaço da brincadeira, da paródia, da transformação e da produção de novas formas de se enunciar e viver as sexualidades é que surge a possibilidade de um movimento contrassexual como deriva radical ao sistema sexo/gênero. Os corpos-multidões, para além de sua força performativa através de uma nova forma de se referir à multiplicidade das sexualidades funcionam, então, como estratégia política de afirmação e produção de novas subjetividades.

A recusa em denominar os indivíduos e a própria discriminação sexual no interior dessas relações marca a complexa rede que se estabelece no contexto da homossexualidade que pensada em termos históricos pode ser compreendida a partir dos discursos, práticas e investigações por parte de áreas do conhecimento como a medicina, a antropologia, a sociologia, a sexologia, a psicanálise que instauraram diferentes pontos de vista para interpretar, analisar e, até mesmo, controlar a vida dos indivíduos fossem eles “assumidos” ou não.

Ao contrário disso, podemos pensar na força e no potencial micropolítico que a construção desses modos de vida pode engendrar a partir de uma posição consciente, afirmativa e produtiva da sexualidade. Trata-se, portanto, de assumir modos de vida homossexuais como ferramentas de uma grande maquinaria desejante que não se contenta com as formas instituídas de experimentar e viver a sexualidade, afirmando-se na própria diferença.

Enfatizar a diferença implica em mostrar os movimentos que produzem diferenciais e novos modos de subjetivação a partir dos desejos, das sexualidades intensas e vibrantes que constituem múltiplas formas de satisfazer prazeres, de ser e agir no mundo. É sobre a afirmação e a constituição desses novos modos de vida que pensaremos a seguir. Para tanto, partimos dos estudos da performatividade de gênero em Judith Butler como estofo teórico para compor uma paisagem reflexiva disparada por imagens – fotos - no contexto de festas eletrônicas direcionadas ao público LGBTQI+.

2. Performatividades de gênero



IMAGEM 1: Performer em ação na festa Avalon in the Jungle. Fonte: arquivo pessoal.

A ideia de performatividade em Judith Butler apontada por Sara Salih (2002) invoca a questão de que os indivíduos agem, se vestem, gesticulam, aparecem como sujeitos e é, justamente, esse conjunto de ações que conferem a identidade ou o gênero do indivíduo. O gênero é, então, performativamente construído na sociedade a partir de determinadas normas, de certos padrões e referências que regulam e ditam parâmetros de “normalidade”. Tudo aquilo que escapa, que foge, que

subverte é tido como abjeção. O ser abjeto é aquele que provoca, que irrompe novos modos de ser e agir. Não aspira à normalidade, pelo contrário, se afirma na diferença, na excentricidade. Para Nietzsche (2005) a identidade é o resultado das expressões performativamente construídas.

A homossexualidade aponta para a desconstrução de uma identidade fixa e absoluta. A ideia de viver a sexualidade, de satisfazer prazeres e desejos com um indivíduo do mesmo sexo é em si uma ação que desconstrói e provoca a multiplicidade do gênero. Tanto o masculino como o feminino dentro de um universo homossexual pode ser vivenciado em sua diversidade apontando modos de vida outros que não se satisfazem com os padrões e códigos impostos pela heterossexualidade compulsória. A questão do desejo e do prazer deve obedecer não às leis e normas naturalizadas nas relações sociais, mas sim serem experimentados a partir das necessidades e anseios dos próprios indivíduos, que constroem e se constroem em suas sexualidades múltiplas e performativas.

De um modo ou de outro, esses sujeitos escapam da via planejada. Extraviam-se. Põem-se à deriva. Podem encontrar nova posição, outro lugar para se alojar ou se mover ainda outra vez. Atravessam fronteiras ou adiam o momento de cruzá-las (...) Sua viagem talvez possa se caracterizar como um ir e um voltar livre e descompromissado ou pode se constituir num movimento forçado, numa espécie de exílio (LOURO, 2008, p.19).

Assim como o gênero é construído socialmente a partir das ações dos indivíduos, a sexualidade também é vivenciada, experimentada nas relações e vai, ao mesmo tempo, sendo construída a partir do que esses indivíduos decidem afirmar, produzir, ou seja, a partir de suas performatividades. Então, tanto o gênero como a sexualidade são performativizados nas relações que o indivíduo estabelece na sociedade. A

performatividade do sexo e do gênero no universo homossexual parece não agir dentro do que a sociedade espera. Ela é em si e, por si mesma, uma abjeção, um afronte, um ato subversivo.

A partir dos estudos da Teoria queer apresentada por Sara Salih (2012), Judith Butler vê a questão do gênero como uma construção que está limitada pelos contextos social e cultural. O agenciamento do gênero perpassa por códigos e normas sociais ditadas pelos padrões heterossexuais no que diz respeito ao desejo e à sexualidade. Ainda que o gênero seja construído e performativo, os indivíduos parecem responder mesmo que inconscientemente às expectativas sociais que são influenciadas por outros indivíduos sejam amigos, familiares, dentre outros.

Nesse sentido parece haver uma ruptura, um desvio em alguns contextos homossexuais onde se possibilita um agenciamento propositivo e consciente do gênero e da sexualidade. Ao se afirmarem na diferença, na excentricidade os indivíduos apresentam e se apresentam como possibilidade de saídas, de escape à normalidade imposta pela naturalização da identidade de sexo e gênero. Ao constituírem outras formas de ser esses atores presentificam sua sexualidade e seu gênero performativo a partir de novos paradigmas, um novo ethos e outras referências estéticas do ser gay.

A imagem 1 é de um performer que se apresenta sempre com trajes e vestes que fazem referência ao universo feminino. Porém, vestindo esses trajes sem, contudo, assumir uma identidade feminina o que se coloca é a possibilidade inscrita em seu corpo de se metamorfosear, de construir um lugar outro para sua masculinidade. Ainda que seus atributos corporais estejam dentro dos padrões socialmente legitimados para a figura masculina (corpo musculoso, torneado, "sarado"), ao se lançar no

movimento, na encruzilhada irrompida pela imagem que apresenta, o performer instaura brechas, abre fissuras no que tange à sua identidade, ao gênero e à sexualidade.

Pelo corpo e no corpo estão inscritos processos de subjetivação que ocorrem, performativamente, sem que se fixe nas normas e regras impostas socialmente. Eis aí a potência artística e o devir-corpo no qual esse agente se lança. O desejo em se “desidentificar”, em opor-se à natureza do seu sexo faz com que ele se transforme em outro. Seu corpo é produzido, fabricado e colocado em rasura. Esse corpo se apresenta, então, como corpo infame.

Não se trata de pensar o corpo como objeto do pensamento. Não se trata de saber o que é o corpo ou quem é esse corpo. O corpo se produz a partir de sua própria condição de existência, a partir daquilo que agencia e dos modos como opera através desses agenciamentos. Nunca poderemos saber o que é o corpo, pois ao tentarmos indagar tal questão o corpo já não é mais aquilo que pensávamos. Por isso não se enquadra o corpo em nenhuma lei, em nenhum paradigma.

Se o corpo já não pode ser classificado ou representado, ele precisa ser fabricado, produzido, criado sob novas estratégias, sob novos modos de subjetivação. Por isso pensar a masculinidade, exclusivamente, a partir dos signos corporais não nos garante compreender a complexidade de nossa existência. Emitimos uma multiplicidade de signos, nos expressamos de diferentes formas. Portanto não se trata de pensar naquilo que somos, mas, sim, de que forma nos constituímos. Em nosso corpo são dramatizados nossos modos de ver, de enxergar e encarar a realidade que nunca são os mesmos e o próprio mundo se torna, assim, multiplicidade de mundos. No corpo e pelo corpo se entrelaçam nossos modos de vida, nossas éticas e

estéticas mundanas, aquilo de que somos feitos e de onde partimos para nos constituirmos como humanos.

Um corpo (...) vive de fendas, brechas, articulações, fissuras, entre lugares, possibilidades. O corpo infame não se classifica porque não se enquadra em nenhuma lei, em nenhum paradigma. Trata-se mais de um corpo louco, um corpo que não aspira ao centro. Um corpo marginal que visualiza uma terceira margem de si mesmo que ainda não foi pensada (...). Um corpo infame é devasso, pois não é, nunca foi e nunca será (PETRONILIO, 2015 c, p.6).

Trazemos aqui a noção de corpo infame que Petronilio^x (2015 c) produz em sua escrita e, certamente, em seu modo de vida, pois ao criar fendas no pensamento da tradição, atacando as formas da representação o escritor já cria, aí, um modo de existência a partir do próprio pensamento, é o que nos força a pensar. A condição nômade, tanto desse pensamento, como da posição em que se encontra o corpo é que se torna, aqui, uma maquinaria de guerra^{xi} às hegemônias e as formas de subjugação.

“É o corpo atado a todo um processo de subjetivação que se desenha na complexidade da cultura” (PETRONILIO, 2015 c, p.6). Então, pensar as múltiplas formas como nos inserimos e agimos na sociedade se abre como possibilidade de mapear nossos processos e modos de subjetivação. O corpo é um acontecimento enredado pelas inúmeras e múltiplas formas de agenciamento da nossa condição de vida. Somos um todo complexo e singular que se produz e acontece no mundo corporalmente.

Nossos corpos enredados pelo sistema sexo/gênero^{xii} tornaram-se a superfície de inscrição de normas e discursos sociais que buscam regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora. Atos, gestos e atuações são fabricados a partir dessas normas

como forma de afirmar uma aparente “integridade” que institui uma verdade interna do sexo ou sua verdadeira identidade (BUTLER, 2003). Assim, o corpo torna-se uma fabricação sustentada por signos e outros meios discursivos que tendem a regular, naturalizar e controlar seus modos de existência, portanto, seus modos de vida.

Retomando e ampliando a questão da performatividade de gênero, nos territórios festivos direcionados ao público LGBTQI+ encontramos outras referências e provocações que nos chegam através das imagens do corpo e que podem ser pensadas a partir de suas construções performativas. Outro agenciamento a ser refletido através dessas imagens é a presença das drags.



IMAGEM 2: Performance na festa “Love Party”. Fonte: acervo oficial da festa.

A performance^{xiii} realizada na festa Love Party é montada sob um tabuleiro de xadrez, interessante cenário para se repensar possibilidades simbólicas das relações sociais onde a peça feminina (rainha) é performatida por uma drag e a peça masculina (cavalo) é performada por

um homem usando sapato de salto alto, vestido em calça legue e um espartilho preto. Duas figuras que embaralham as referências de masculinidade e feminilidade e nos fazem refletir sobre a constituição do gênero e da sexualidade a partir da noção de performatividade. Colocam em crise as noções construídas e reiteradas nos discursos hegemônicos.

Em seus corpos, os significados escorregam para um entre-lugar, assimilam os resquícios das somas das partes (BHABHA, 2013) produzindo um espaço de intertício entre a noção de masculino e feminino já instaurada – são identidades na fronteira. De acordo com Homi Bhabha (2013, p. 20) “esses espaços ‘entre-lugar’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva”.

Ao performatizar o gênero abre-se a possibilidade de invenção de novas estratégias, de outras referências para se pensar o corpo masculino e feminino. Pelo corpo e no corpo estão inscritos processos de subjetivação que podem ser agenciados de novas maneiras, para além do que espera a sociedade. É, então, que abrimos brechas, fissuras, fendas na realidade. O corpo se produz a partir daquilo que agencia e dos modos como opera através desses agenciamentos.

Na performance realizada na festa Love Party vemos duas construções performativas de gênero que estão em movimento: a rainha (drag-queen) e o cavalo (um performer trajando peças do vestuário feminino). Elas estão nas fronteiras de um contexto social marcado por interdições. Elas não estão no centro, talvez não reivindicuem uma posição de centralidade. Mas, evidentemente, desejam que suas vozes sejam ouvidas – afirmam o nomadismo como lugar, como espaço de devir, de atravessamento.

Para se pensar sobre esses agentes que estão em processo de atravessamento, movimento e transformação faz-se necessário produzir um ponto de resistência contra o essencialismo, colocar em questão este discurso que naturaliza e estabelece a heterossexualidade como norma.

A heterossexualidade compulsória se afirma como marco regulatório, castrador. O discurso naturalizado da atração, relação e dependência entre os sexos opostos se torna o imperativo para que sexo, desejo, gênero e sexualidade tornem-se instâncias interligadas de forma linear admitindo-se o padrão macho-hétero-masculino-dominador-ativo para os homens e a identidade fêmea-hétero-feminina-dócil-passiva para as mulheres. Deste modo a própria noção de sujeito está subjugada a padrões biológicos e naturais do corpo que situam, determinam e regularizam o "masculino" e o "feminino" como se fossem categorias coerentes, consistentes e unívocas ignorando, assim, a multiplicidade e pluralismo com que se constituem identidades de gênero e, por sua vez, a forma como indivíduos vivem e experimentam sua sexualidade.

Se alguém "é" uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da "pessoa" transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de "gênero" das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2003, p.9)

Judith Butler em sua obra "Problemas de gênero" desconstrói e problematiza as noções que perpassam as construções de gênero chamando a atenção para o seu caráter histórico, político e sócio-cultural.

Butler nos convida a pensar na constituição do gênero a partir dos discursos e da performatividade presente tanto na linguagem como nos atos corporais dos indivíduos. O gênero seria, assim, uma construção social que se dá a partir das relações que os indivíduos estabelecem em sociedade e que, certamente, perpassam por questões históricas, econômicas e, principalmente, por estratégias de poder que regulam e ditam normas do que venha a ser “homem” e “mulher”. Regular e definir limites para o ser invoca uma coerência castradora que se distancia das complexidades e do pluralismo inerente às construções sociais do próprio ser.

Ser “homem” e ser “mulher” não significa naturalmente ser masculino e feminino. O gênero como constructo social permite aos indivíduos habitar lugares do “ser” que não se estabelece a priori, anteriormente ao contexto histórico e cultural no qual vive e convive. Ser isso ou aquilo não é uma condição anterior à cultura. Tradicionalmente o gênero é invocado de forma natural seguindo hierarquias que se afirmam por preceitos biológicos como se o corpo fosse apenas um sistema anátomo-funcional.

As críticas de Butler nos provocam a ampliar e penetrar os subterrâneos, lugares ocultos e velados da própria condição humana. São escritos e estudos que nos situam em uma marginalidade subversiva e que incide em um posicionamento político potente e necessário para alargarmos nossos campos de análise e turbilhonar as certezas que por hora perduram nesses territórios de risco.

Assim como o sexo, o gênero é construído através das normas regulatórias da sociedade a partir de sua reiteração. Nomear um indivíduo e classificá-lo como masculino ou feminino é uma forma de estabelecer uma fronteira e inculcar de forma repetida uma norma. Então, pelo processo de

reiteração os atos e os sujeitos aparecem de forma mais clara e são designados por essa classificação.

A partir dessa noção Butler invoca o termo performatividade para pensar as construções do sexo e do gênero. Para a autora as normas regulatórias do sexo e a afirmação dos sujeitos pela nomeação através da categoria gênero se dão de forma performativa, ou seja, através da prática reiterativa e citacional. A performatividade é, então, justamente essa prática que efetua e produz aquilo que nomeia. O gênero é performativo na medida em que nomeia e, ao mesmo tempo, produz normas ou marcos de identificação que seguem as regras e os princípios normativos imputados pelo sexo. Daí a questão de que a performatividade não pode ser teorizada separadamente da prática forçosa e reiterativa dos regimes sexuais regulatórios.

A autora defende, então, que a performatividade atua na materialização do sexo e do gênero e interroga: “em que medida o discurso adquire a autoridade para produzir o que nomeia através da citação das convenções da autoridade?” (BUTLER, 2000, p.167). Tal questão nos leva a pensar que a norma exerce um controle nessa materialização, pois é ela ao mesmo tempo a referência e o suporte para que se anuncie e se produza as distinções e classificações de ambas as categorias.

De forma geral, Butler coloca em questão a constituição do sujeito como sujeito em processo que é constituído no discurso pelos atos que executa. Assim, afasta qualquer tipo de conceituação naturalista e que suponha uma relação mútua entre sexo, gênero e sexualidade. A constituição dos sujeitos se dá performativamente a partir da anunciação das categorias de sexo e gênero e à maneira pela qual esses sujeitos se apresentam e se assumem perante tais categorias. Portanto evidencia o

caráter construído, em oposição à ideia de naturalizadas, de ambas as categorias. A autora rejeita o essencialismo e traz em suas discussões o deslocamento das categorias binárias como “macho” e “fêmea”, “homem e “mulher”, “masculino” e “feminino” revelando que se tratam de construções discursivas que desempenham um papel regulador no interior da matriz heterossexual.

Nesse sentido, retomamos a imagem da performance queer que nos provoca, mais uma vez, a refletir sobre a questão dos agenciamentos. Ao inverter a lógica binária homem dominador x mulher dominada os performers agenciam a possibilidade de uma relação de certa forma transgressora, pois somente o fato de aparecer um performer do sexo masculino não garante que este seja o dominador. Avançando ainda mais, visualizamos o fato de que ele esteja vestido com roupas femininas o que não fixa uma identidade feminina, pois ali naquele jogo performático sua sexualidade também entra em jogo, o jogo da performance, do agenciamento, podendo inverter, transgredir e, até mesmo, romper com qualquer tipo de coerência aparente do sexo e da sexualidade.

Há aí um jogo da performance com a questão do poder e das regras sociais. Um homem vestir-se com trajes femininos e ser performativamente dominado por uma drag subverte alguns dos valores impostos pela normatividade que impera no que tange ao sexo e à sexualidade. E na imagem em questão o jogo de xadrez sugere tática e estratégias, assim como o fazem os performers que utilizam do corpo, dos trajes, das ações no palco para empreenderem um verdadeiro jogo simbólico entre sexo, poder, relações sociais e sexualidade.

No terreno dessa performance a relação entre gênero, sexo e sexualidade é colocada em questão a partir da montagem desse tabuleiro

onde as peças do jogo constituem-se para si uma forma de desvio onde os signos masculinos e femininos são disparados de forma múltipla e complexa construindo uma paisagem que desterritorializa as coerências e a naturalização dessas relações.

Nesse sentido podemos pensar, por exemplo, que ao construir uma imagem feminina a drag está fabricando, produzindo gênero. A prática da performance, aqui, reitera e afirma o caráter dos agenciamentos do gênero. A drag se produz e produz uma imagem desejada, portanto, performa o próprio gênero. Está sempre em construção, constituindo para si um lugar outro no seio das relações normativas e castradoras da sociedade. E, também, o performer masculino ao vestir trajes femininos performatiza e produz uma imagem múltipla, monstruosa que não espera ser classificada e, muito menos, rotulada a partir das convenções de sexo e gênero.

Anna Paula Vencato em sua pesquisa de Mestrado intitulada “Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina” discute a questão da corporalidade e das performances da “drag” a partir na noção de que essas são construções e fabricações constituídas através do corpo, da maquiagem e dos processos de “montagens” e permitem que corpos tornem-se outros, caricaturas, personagens que se produzem e se transformam a partir dessas performances.

[...] o corpo, o território em que se opera a transformação, não uma espécie de passagem da natureza para a cultura, mas uma passagem entre “dois corpos culturais” (“de um corpo cosmológico essencializado a um corpo cosmológico não-essencializado, de uma teoria de gênero a outra teoria de gênero”) mediada pelo desejo de tornar-se outro, de tornar-se uma personagem, uma caricatura de um feminino que talvez nem mesmo exista numa suposta “natureza feminina” (VENCATO, 2002, p.39).

Nesse sentido podemos refletir sobre a performatividade do corpo drag que ao se “montar” está transformando seu próprio corpo, fabricando uma personagem que desterritorializa a noção de gênero e compõe uma espécie de paisagem corporal onde os signos da masculinidade e da feminilidade são embaralhados e lançados no jogo da performance – materializada, aqui, no cenário do jogo de xadrez.

Ao performar o gênero a drag constrói uma corporalidade que é apresentada ao público através dessa sua “montaria” entendida, aqui, como um movimento inventivo, criador de novas possibilidades para se pensar valores, significados, comportamentos e os modos de vida agenciados nesse território festivo.

Ampliamos essa noção ao entender que entre os demais festeiros também se performa gênero, são agenciadas as multiplicidades dos corpos e, portanto, é possível potencialmente instaurar processos de “montagem” e desmontagens das referências, códigos e signos da sexualidade. Ao criarem modos de vida que festejam e escancaram a alegria dos homossexuais sem os pudores e receios impostos pela sociedade machista e homofóbica esses agentes festeiros estão constituindo para si linhas de fuga que se tornam, aqui, estratégias de subjetivação que se enredam ao fator da transgressão.

Mesmo que de forma inconsciente esses agentes estão buscando de alguma forma transgredir. Escapam das convenções, das certezas e verdades anunciadas em torno de sua sexualidade e criam novos modos de viver e festejar que se afirmam nas multiplicidades, na potência de suas próprias vidas alegres, errantes que não esperam ser aceitas, assimiladas, reconhecidas e nem mesmo toleradas no seio dessa sociedade heteronormativa.



IMAGEM 3: Festeiros na pista. Delirium after-hours. Fonte: acervo oficial da festa.

A performatividade dos corpos como um agenciamento dos desejos, da necessidade de se afirmar e afirmar um ethos e uma estética da diferença constitui-se, assim, a partir do que Judith Butler chamou de atos corporais potencialmente subversivos. Se o gênero é performativizado a partir das convenções e regras sociais, a sexualidade gay aponta para a subversão, para a quebra e o desvio dessa convencionalidade irrompendo outros e novos modos de vida. Os corpos festivos parecem empreender uma performatividade própria.

A performatividade desterritorializa e embaralha todas as referências, pois tem em si o ato que é em si, infame. Uma festa pode até conter em si um complexo de performances, mas são os atos corporais subversivos e transgressores que fazem dela um espaço de performatividade. A festa funde e confunde corpos, espaços, relações, fluxos e desejos. Potencializa sociabilidades e inaugura a todo instante uma espécie de segunda vida performativa. A festa é um complexo ritual cujo jogo é marcado por uma certa ludicidade, em que o tom da brincadeira e da alegria marcam a performance de um povo o festivo, anunciador do caos e fora da lei. (PETRONILIO, 2015a, p.2).

Paulo Petronílio em seu artigo “O signo como performance e performatividade em linguagem” nos ajuda a pensar os atos dos sujeitos da homossexualidade como potências subversivas que embaralham, desafiam e instauram uma espécie de caos na ordem imposta pelos padrões e regras da sociedade que se baseia nas dualidades do gênero e na heterossexualidade compulsória como elementos reguladores das ações dos indivíduos. É nesse sentido que podemos refletir os agenciamentos desses sujeitos que não se satisfazem com os modelos e as molduras sociais e irrompem novos modos de vida a uma política ética e estética da existência humana^{xiv}.

A multiplicidade, a diferença, a ambiguidade inerente aos modos de vida empreendem jeitos de ser e estar no mundo que desafiam as normas regulatórias da sociedade. A performatividade desses corpos em festa funciona, então, como afirmação da própria diferença e do estranho que se localizam dentro de uma sexualidade desviante.

Toda a arquitetura empenhada e construída a partir desses atos, desses jogos presentes nessas festividades nos convida a visualizar a desordem, o caos, as transgressões desses seus sujeitos como instauradores de uma espécie de segunda vida que se afirma, alarga e projeta-se às intensidades da própria existência permitindo e potencializando os acontecimentos cotidianos que se tornam signos disparadores de complexos, poéticos e desregrados modos de existir.

Petronilio, assim como Judith Butler nos convida a debater a performatividade como um agenciamento do corpo frente às expectativas e demandas sociais, mas ao mesmo tempo, como um eterno devir que expressa a potencialidade e as possibilidades de quebra com os binarismos, as origens pré-fixadas e pré-estabelecidas no que tange ao gênero, ao sexo

e à sexualidade. Dessa forma a performatividade é uma estrutura ambivalente como nos diz Butler (2003), assim como os agentes festeiros.

Se cada festa é um acontecimento particular, não se pode buscar a “essência” de todas as festas. Assim, em cada festa um instante se constrói. Em cada espaço festivo se constituem marcas, rastros, registros que eternizam e identificam aquele momento. Poderíamos então pensar em identidades festivas? Se admitirmos as identidades como performativas, talvez sim. Assim como os corpos performatizam e agenciam atos e estratégias de existência e afirmação que se localizam num determinado contexto do grupo, da coletividade, a festa também funciona como um território performativo onde tudo é construído e agenciado em prol da comunhão, do estar junto e da celebração tribal. O que não significa que tudo é previamente estabelecido e pré-fixado a partir das intencionalidades e convenções, pois a festa é o próprio território do acontecimento, do inesperado, do imprevisto, das encruzilhadas. A festa e seus subterrâneos são territórios em devir por excelência.

Corajoso é aquele que se joga e se arrisca no espaço da festa, no acontecimento festivo, pois aí está o risco, a encruzilhada. Esse acontecimento é uma válvula de escape, uma saída. É a desterritorialização do lugar da ordem, da norma, do social. A festa é barulhenta, por isso instala o caos, a desordem, a orgia. O riso, a ludicidade, a euforia, as corporalidades que se fundem na festa são os substratos de todo esse acontecimento dionisíaco. A exaltação, o movimento, o caos se instalam e irrompem em novos modos de vida. A festa é, por excelência, o local de afirmação dessas vidas. Vidas caóticas, vibrantes, alegres e errantes.

La performatividad tien algo de infernal, transgresor, subversivo, caotizador. La performatividad no es ingênua, porque desafía la ley, el logos, el centro, y polemiza la representación. La performatividad juega con el desorden y con la transgresión, porque está hecha de actos. Es una experiência-límite: con el language, con el cuerpo, con el arte y con la subversión. Tal vez podamos comenzar a pensar lo que diferencia performance de performatividad, aunque ambas sean atravesadas por el language, por los signos. La performatividad desterritorializa y baraja todas las referencias, pues tiene em si el acto que es en si mismo, infame (PETRONÍLIO, 2015b, p.147).

Em uma festa podem até ocorrer diferentes performances, entendida como o simples ato de fazer algo, de realizar uma ação performática através da presença, da experiência em si performática. Porém, a performatividade é o espaço da transgressão, da subversão, como atos em si infames, que desterritorializam e embaralham todos os elementos presentes na própria festa. Na festa se potencializam as socialidades e inaugura-se uma espécie de segunda vida, uma vida performativa (PETRONÍLIO, 2015b). A alegria e ludicidade presentes na festa marcam a performance de um povo festivo que subverte e anuncia, através de seus agenciamentos, esses modos de vida performativos.

A vida exige um ato performativo, pois somos seres que performatizam através da linguagem e todos os signos que emitimos, uma visão de mundo (idem). Nessas territorialidades festivas os modos de vida são performativizados através dessa visão de mundo, da maneira como se encara e se enfrenta a vida. E nesse contexto, a performatividade na perspectiva apontada por Butler (2003) anuncia a complexidade e multiplicidade dos agenciamentos do gênero e, por sua vez, dos atos corporais subversivos. Dessa forma, esses modos de vida performativos desafiam e irrompem uma espécie de vida subversiva em potencial.

O corpo é refletido, assim, como espaço de individuação, que desfaz o sujeito, desloca-o e destrói (PETRONILIO, 2015 c). Corpo-máquina que se transforma numa potente forma de desterritorialização. Através do corpo experimentamos o mundo e somos experimentados por ele. Corpo-território que pode ser mapeado, cartografado não como representação do que seja o ser, ou o indivíduo. Não se trata de representação, mas sim de produção de afetividades, de subjetividades, de devires, de criação. Somos fabricados, inscritos e jogados no mundo corporalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratamos aqui, de rastrear alguns agenciamentos que possibilitam desestabilizar, deslocar, denunciar e, sobretudo criar outras possibilidades de viver e pensar modos de vida queer como ferramentas de uma grande maquinaria produtiva que faz pulsar e fluir os desejos e prazeres como fontes fundamentais da vida. A sexualidade, as relações, os atos corporais são, todos eles, peças maquinicas que podem funcionar como forma de resistência e contestação aos modos de vida produzidos pelo discurso compulsivo da heterossexualidade.

Para as fronteiras constantemente vigiadas do sexo, do gênero e da sexualidade esses modos de vida irrompem uma espécie de operação transgressora desnaturalizando as relações entre elas, colocando em trânsito suas verdades, suas normas e seus valores. O processo pelo qual se criam esses novos modos de vida parece, contudo, sempre incompleto, afeito a instabilidades. Portanto ao indagar sobre sua constituição é preciso enxergar seus pequenos movimentos, seus modos sutis de desviar-se, de operar produtivamente como máquinas de guerra.

E o corpo, por sua vez, torna-se uma potente e importante “máquina” de enfrentamento concreto e político operando por micro-movimentos que são os seus processos de agenciamento e subjetivação. Modos de vida que se afetam e são afetados por sua condição de fabricação, de invenção. Modos de vida criados sob tonalidades e texturas da arte, da filosofia. Pelo corpo e no corpo estão inscritas possibilidades de guerrilha e afirmação dessas multidões, as multidões queer.

REFERÊNCIAS

BRAZ, Camilo Albuquerque. Provocações Queer à “Cultura LGBT”. In: Oliveira Assis, Susana Bornéo Funck (organizadoras). **Políticas e Fronteiras/Desafios Feministas**. Ed. Copiart, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”. 2ªed. Buenos Aires: Paidós, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz, Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed.34, 2010.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Tradução Maria Beatriz Marques Nizza, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2002.

Gramatologia. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LIMA, Fátima. É possível um estado que abarque a multidão queer? Notas para pensar as multiplicidades na biopolítica contemporânea. In: **Revista Periódicus de Estudos Indisciplinares em Gêneros e Sexualidades**. UFBA, v.1, nº1, 2014.

LOURO, Guacira Lopes et al. **O corpo educado**. pedagogias da sexualidade. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: 2ªed, Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO; FELIPEB; GOELLNER. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo. 6ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MISKOLCI, R. A teoria queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização. In: **Congresso de leitura no brasil**, (COLE) 16, 2007, Campinas. Anais... Campinas: ALB Associação de Leitura do Brasil, v. 1. p. 1-19. 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A visão dionisíaca do mundo e outros textos de juventude**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PETRONILIO, Paulo. O signo como performance e performatividade da linguagem. In: Artefactum. **Revista de Linguagem e Tecnologia**. Ano VII, nº2, 2015a.

Performances de um corpo infame: dança e cultura. In: Artefactum. **Revista de Linguagem e Tecnologia**. Ano VII, nº1, 2015c.

Poesia: a máquina de guerra do pensamento. Texto Digital, Florianópolis. V.9, n.1, p.68-94, jan/jul.2013. Disponível em

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/issue/view/2008>> Acesso em 07 Jan. 2020.

PRECIADO, Beatriz. **Multidões queer**: notas para uma política dos "anormais". In: Revista de Estudos Feministas, Florianópolis: janeiro-abril, 2011.

Manifesto contrassexual. Práticas subversivas de identidade sexual. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. Editora: n-1 edições, 2014.

RUBIN, Gayle. Tráfico sexual: entrevista: entrevista com Judith Butler. In: **Cadernos Pagu**, 2003 (pp.157-209).

SALIH, Sara. **Judith Butler**. Londres e Nova York: Routledge, 2002.

SCHECHNER, Richard. **Performance e Antropologia** de Richard Schechner. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012

TURNER, Victor. **Do Ritual ao Teatro** - a Seriedade Humana de Brincar. UFRJ, 2015.

VENCATO, Anna Paula. **Fervendo com as drags**: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado, Antropologia, UFSC, 2002.

A revolta das lâmpadas. Disponível em: <https://linktr.ee/arevoltadalampada>. Acesso em 15 de Julho de 2020.

NOTAS

ⁱ Docente do curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Goiás – Campus Aparecida de Goiânia. Mestre em Performances Culturais pela Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás.

ⁱⁱ Em referência as teorias *queer* em autores como: Richard Miskolci (2007), Guacira Lopes Louro (2010), Beatriz Preciado (2011), Judith Butler (2003), Sara Salih (2002), Fátima Lima (2014), Camilo Braz (2014) e outros. O termo *queer* empregado como uma denominação aberta, em constante processo que abrange tanto as correntes teóricas quanto os movimentos sociais contemporâneos que lutam em defesa das culturas marginalizadas.

ⁱⁱⁱ O termo *performer* será utilizado na presente pesquisa para designar os agentes que se apresentam em festas de música eletrônica da cena LGBTQ+ conhecidos, também, como

"gogoboy" "poser" "dançarino", etc. Não estabelecemos uma distinção entre os papéis desempenhados por eles, por ser uma discussão ainda carente de reflexões acadêmicas e que merece uma atenção especial que em outras pesquisas, possivelmente, possamos nos debruçar sobre ela.

^{iv} Neste trabalho faz-se referência ao termo *drag* a partir dos estudos de Anna Paula Vencato intitulado "Fervendo com as drags corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina" no intuito de situar um tipo de agenciamento performático e artístico constituído no contexto LGBTQI+.

^v Petronilio (2013) esclarece que é importante levar à sério essa categoria da desconstrução para os estudos de gênero, pois reconhece que Derrida (2013), e talvez uma das contribuições do pensador da desconstrução para o pensamento da Diferença está situada em sua Gramatologia, especificamente a noção de suplemento ou complementaridade, quando o autor fala "este perigoso suplemento...". Trata-se de um conceito fundamental para colocar em xeque os binarismos e ao mesmo tempo colocar a representação em crise. A metafísica da presença, a metafísica da substância e a diferença ontológica entre ser e ente que perpetuou ao longo de uma tradição que vai do grego à Heidegger, é colocada em crise. Dois livros fundamentais: *A escritura e a diferença* (2003) e *Gramatologia* (2013) nessa "onda contrassexual".

^{vi} Na obra "*Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del sexo*" Judith Butler (2015) discute a forma como os corpos agem e reiteram as normas a partir das práticas discursivas que efetuam e produzem, ao mesmo tempo, aquilo que nomeiam. Desse modo os corpos são construídos socialmente em torno das regras e normas discursivas que vão sendo materializadas e reiteradas pelos atos dos indivíduos. Assim, em uma sociedade que assegura o funcionamento de uma hegemonia heterossexual, os corpos que "pesam" e os corpos que importam serão sempre os corpos que materializam e reiteram as normas. Todo tipo de desvio, de instabilidade, aquilo que não pode ser totalmente definido ou fixado pela norma é tido, então, como abjeção que será persistentemente negada.

^{vii} Faço referência, aqui, aos atos de fala em Judith Butler (2003) que apontam para a discursividade do gênero e sua performatividade. Para Butler o gênero é construído socialmente a partir dos atos, das formas de enunciados que vão sendo agenciadas e elaboradas em torno dos discursos e normas para classificar e regular os modos de existência a partir do sexo e da sexualidade. Assim, os atos de fala como aquilo que nomeia e produz o gênero podem tanto reforçar a normas como opor-se a elas, constituindo formas de resistência e, possivelmente, de subversão às regras socialmente impostas.

^{viii} Os atos corporais subversivos podem ser pensados, aqui, como as possibilidades de resistir, de se contrapor e subverter as normas socialmente impostas pelos discursos naturalizantes de sexo e gênero. No contexto dos corpos-multidões os atos corporais subversivos são sua potência máxima, formas de desterritorialização do campo da sexualidade tida como "natural" e "verdadeira". A expressão foi utilizada por Judith Butler (2003) na obra "*Problemas de gênero*".

^{ix} Em referência ao "*Manifesto contrassexual*" de Beatriz Preciado (2014). Para a autora a contrassexualidade surge como forma de enfrentamento aos discursos sexistas e aos dispositivos inscritos em um sistema sexo/gênero que tendem sempre às dicotomias e aos

binarismos. A contrassexualidade se dedica à desconstrução da naturalização das práticas sexuais e do sistema de gênero.

^x Paulo Petronilio é pesquisador e docente da Universidade de Brasília e empreende um importante movimento de reflexão e luta em prol das minorias no contexto acadêmico. Ao trazer para o ambiente da academia outras vozes através de escritas e orientações de trabalhos que circunscrevem diferentes lugares de fala, Petronilio possibilita o empoderamento dessas vozes e a retomada de temáticas tão fundamentais nos contextos de reflexão e produção do conhecimento.

^{xi} Tal movimento se aproxima da noção de máquina de guerra em Gilles Deleuzes e Félix Guattari na obra "*O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*" (2010) para propôr uma fricção, um enfrentamento a todo tipo de universalismo e de totalidade que pode ser pensada a partir de teorias pós-estruturalistas e pós-identitárias. Tal empreitada rejeita, portanto, os padrões e regularidades encontrados a priori na demarcação das identidades fixas e absolutas e as grandes narrativas que fixam elementos traçando leis gerais que naturalizam e generalizam as relações sociais.

^{xii} Termo utilizado por Gayle Rubin (1975) no artigo "*The traffic in women*" traduzido em 1993 como "*O tráfico de mulheres*". O sistema sexo/gênero foi utilizado por Rubin para designar as relações naturalizadas em torno de uma sexualidade biológica que correlaciona nos discursos e práticas as questões do sexo e do gênero. Tal correlação é o que institui a aparente "coerência" natural entre o sexo e o gênero como forma de controlar a sexualidade e de produzir a heterossexualidade como norma.

^{xiii} Tratamos de destacar, aqui, as continuidades e descontinuidades possíveis entre os termos "performance" e "performatividade". No seio dos estudos das tradições da performance e no entrecruzamento entre performance e outros estudos da cultura, Richard Schechner (2012) e Victor Turner (2015) contribuem para destacar tais elementos. Na perspectiva apontada por Schechner (2012) a performance pode ser entendida como uma experiência em si. Algo inacabado que está sempre aberta e direcionada ao devir. Os indivíduos que performam, portanto, vivenciam as experiências e são transportados pela própria ação performática. Podemos encontrar performance tanto em atos cotidianos como nas artes espetaculares. E essa compreensão e análise das manifestações como performance pode se dar a partir do olhar antropológico. Nesse sentido, a "performance" pode ser compreendida como a própria experiência humana, ligada à ação, aos gestos, às expressões, às formas de se fazer e se apresentar ao mundo. Na presente pesquisa, o termo "performance" está direcionado tanto às ações artísticas dos performers, quanto aos atos e modos de ser e agir cotidianos dos demais festeiros. Entretanto, o termo "performatividade" abrangendo questões de gênero ampliam esses territórios e nos permite pensar, também, nos agenciamentos que enredam tais performances. Esses agenciamentos produzem na ação, na reflexão e no discurso novos modos de vida. Por isso tratamos de pensar as performatividades como agenciamentos micropolíticos.

^{xiv} Destacamos, aqui, o movimento "A revolta das lâmpadas" como uma referência que se cruza aos agenciamentos da sexualidade refletido neste estudo. Teve como ponto de partida a paulista 777, o local onde um grupo de pessoas foi agredido com lâmpadas fluorescentes. Eram indivíduos LGBT e também heterossexuais cis, mas a expressão de seus corpos foi percebida e categorizada pelos agressores como inadequada, e por isso foram fisicamente punidos. A revolta da lâmpada começou como uma manifestação pelo corpo livre, em

novembro de 2014: descentralizada, desinstitucionalizada, coletiva, criativa, independente e com equilíbrio de protagonismo entre corpos. Disponível em: <https://linktr.ee/arevoltadalampada>.

Submissão: 04/05/2020

Aceite: 20/07/2020